

BIBLIOTECA ESCOLAR E FORMAÇÃO DO LEITOR: INTEGRAÇÃO POSSÍVEL?

<http://doi.org/10.4025/imagenseduc.v7i2.35632>

Flávia Brocchetto Ramos*

Angelina Maria Vanin**

Angela Balça***

* Universidade de Caxias do Sul – UCS. ramos.fb@gmail.com

**Universidade de Caxias do Sul – UCS. amvanin9@gmail.com

*** Universidade de Évora – Portugal. angelabalca@gmail.com

Resumo

Esta investigação analisa a atuação de bibliotecas escolares na promoção do acervo de obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com o objetivo de acompanhar os processos que ocorrem a partir do recebimento de obras do referido acervo PNBE, foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com professoras que atuam nas bibliotecas da Rede Pública Municipal de Ensino de Caxias do Sul, RS. Seguindo princípios de base qualitativa, o estudo pauta-se em conhecimentos prático-teóricos da área de Biblioteconomia, Letras e Educação e tem como base o cenário brasileiro e o português. O artigo aponta para o desconhecimento do profissional da biblioteca sobre a utilização do acervo e de guias do PNBE e que a biblioteca escolar tende a ser um setor passivo, apoiando e não promovendo ações.

Palavras-chave: mediação, leitura, cultura.

Abstract. School library and reader training: a possible integration? This research analyzes the role of school libraries in the promotion of the works of the collection of the National Program of School Library (Programa Nacional Biblioteca da Escola-PNBE, Brazil). In order to follow the processes that take place after the receipt of the works of the collection, we conducted five semi-structured interviews with teachers who work in the libraries of the Municipal Public Education Network of Caxias do Sul, RS. Following principles of qualitative basis, the study focuses on practical/theoretical knowledge of Librarianship, Letters and Education and is based on the Brazilian/Portuguese scene. The article points to the lack of knowledge of library professional on the use of the collection and PNBE guides. School libraries tend to be a passive sector, which supports but does not promote actions.

Keywords: library cultural activities, reading, culture.

A biblioteca escolar, como serviço de informação, insere-se no âmbito dos recursos pedagógicos, ou melhor, constitui-se laboratório por excelência, da práxis educativa (Neves, 1998, p. 220).

Introdução

A expressão ‘incentivo à leitura’ tem permeado diferentes esferas comprometidas com a educação. A evidência de que a leitura é

essencial na vida das pessoas e indispensável ao processo educativo tem levado autoridades, voluntários, professores, pesquisadores a se debruçarem sobre temáticas formação de leitores; práticas e hábitos de leitura; bibliotecas e outras questões inerentes ao tema, porque, tal como problematiza Lisboa (2007, p. 203), “Se não se ler, perde-se? Perde-se um pouco todos os dias, não o que nunca se teve, mas o que existia, tal como existia.”

Nesse contexto, surgem diferentes ações, projetos e programas que visam a incrementar, disseminar e avaliar práticas da leitura, especialmente entre estudantes, e a biblioteca escolar vai se tornando realidade e assumindo importante papel na escola e no conjunto da comunidade educativa. Assim, os investigadores brasileiros Silva e Bortolin (2006, p. 9) argumentam:

[...] não se concebe uma sociedade desenvolvida que exista sem livro ou biblioteca, sem leitura ou informação. Incorporar o livro e, principalmente, a biblioteca na formação da criança é pré-requisito para a formação integral do cidadão adulto. Portanto, o papel da biblioteca escolar é primordial na construção dessa trajetória do leitor em formação.

Para além do desenvolvimento de competências ao nível da *information literacy*, as bibliotecas escolares têm responsabilidade na formação dos leitores. Elas constituem-se como espaços não formais de leitura, onde os alunos poderão ler e realizar atividades relacionadas à leitura sem o estigma da avaliação, muitas vezes presente na sala de aula. Nas bibliotecas escolares, são desenvolvidos projetos de promoção da leitura e de formação de leitores que, às vezes, preveem encontros com escritores e ilustradores, apresentação de livros, sessões de leitura, concursos e exposições, entre outras ações.

Todavia, entendemos que há uma figura fundamental para que a biblioteca escolar desempenhe o seu papel – o bibliotecário escolar, acompanhado de equipe especializada que, no seu conjunto, concorre para que o ambiente esteja a serviço dos alunos e de toda a comunidade educativa. Várias são as funções deste profissional. No Brasil, quem tem assumido as atividades nas bibliotecas escolares de escolas públicas é, em geral, um professor ou mesmo um estagiário. Nesse aspecto, destacamos que a biblioteca escolar ainda não é uma realidade em todas as escolas brasileiras, mas a Lei n. 12.244 (2010), dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, assim como determina a presença de um bibliotecário na condução das atividades desse espaço. O ano de 2020 é o prazo para o cumprimento das determinações legais.

A biblioteca escolar, assim como outras unidades de informação, está mudando rapidamente o modo como a informação está sendo processada e divulgada. Kuhlthau (2006) alerta que o papel do bibliotecário implica colaborar com professores na promoção de aprendizagens dos estudantes e, para tanto, sugere um programa de atividades, a fim de instrumentalizar estudantes do ensino fundamental a usar, buscar e construir a informação. Campello (2003), pesquisadora reconhecida na área, tem insistido na função pedagógica da biblioteca escolar e apontado parâmetros para esse setor que muitas vezes não tem função definida na escola (Campello et al. 2011). As questões atinentes à biblioteca escolar no Brasil passam desde a localização do setor nas dependências do educandário, pelo mobiliário, tipo de acervo, assim como os serviços que seriam promovidos nesse ambiente.

Em Portugal, de acordo com a Rede de Bibliotecas Escolares Portuguesas [RBE] (2016), a biblioteca está aos cuidados de professores bibliotecários. Estes “[...] asseguram na escola, o funcionamento e gestão das bibliotecas, as atividades de articulação com o currículo, de desenvolvimento das literacias e de formação de leitores” (RBE, 2016). A legislação portuguesa, conforme Portaria 756 (2009), destacam-se como funções deste profissional que nos parecem universais: “d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afetos à biblioteca; f) Apoiar as atividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura [...]”

Do mesmo modo, as diretrizes da *International Federation of Library Associations and Institutions* [IFLA] (2003) pressupõem que o bibliotecário escolar desempenha múltiplas funções que vão contribuir para a formação dos jovens leitores: “Está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação” (IFLA, 2003).

A tentativa de estabelecer diálogo entre bibliotecas escolares brasileiras e portuguesas não surge neste artigo mas vem de mais tempo conforme estudos de Ramos e Balça (2013). Cada país tem suas peculiaridades no modo

como concebem e implementam esses espaços. No Brasil, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), destacado nesse cenário, foi instituído em 1997, pelo Ministério da Educação (MEC), e visa a promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores, por meio da seleção e distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência a todas as escolas públicas de educação básica, cadastradas no Censo Escolar. Em Portugal, a RBE, fundada em 1996, visa aos mesmos objetivos que o seu programa congênere no Brasil. Às bibliotecas escolares brasileiras e portuguesas, os livros chegam, sobretudo, pelas entregas feitas pelos dois programas, de modo que seus acervos tendem a ser mais vastos e adequados às demandas dos usuários.

De fato, em ambos os países, a base documental está se constituindo nas bibliotecas, mas permanece a incógnita a respeito de como esse material é utilizado. No Brasil, investigadores têm sido realizadas sobre tal realidade. Paiva (2009, p. 150) discute a questão no ensaio: “A distribuição é feita, mas o uso acontece?”. A pesquisadora levanta uma série de pistas sobre a utilização nas escolas do manancial de livros de literatura distribuídos pelo Governo. Para a investigadora, a ação governamental centra-se quase exclusivamente na distribuição do acervo. As ações para a formação dos professores, no sentido de utilizarem com propriedade este fundo documental no cotidiano da escola, ocorrem com pouquíssima frequência. Ramos (2013), entre outras investigações, publicou o livro *Literatura na escola: da concepção à mediação do PNBE*, discutindo a recepção de obras do Programa em escolas públicas de Caxias do Sul, nos anos de 2008 e 2009. O estudo também aponta a falta de ações que promovam a circulação de obras do acervo, cujos títulos misturam-se a outros títulos quase sem valor simbólico.

Passados sete anos da pesquisa empreendida por Ramos (2013), com o propósito de acompanhar os processos que ocorrem a partir do recebimento do acervo PNBE pelas bibliotecas escolares, realizou-se nova investigação empírica¹, tomando-se por base

novamente bibliotecas escolares da rede pública municipal de ensino de Caxias do Sul, RS. Seguindo princípios de base qualitativa, a implementação da investigação ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas elaborada a partir de conhecimentos prático-teóricos. O *corpus* da investigação contemplou cinco bibliotecas escolares da rede municipal indicada. As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e julho de 2015 e ocorreram, individualmente, com cada um dos professores que atuam na biblioteca das escolas visitadas. As conversas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para serem estudadas. Para melhor análise das respostas, os dados foram organizados em quadros, cujos resultados serão abordados neste artigo, o qual está composto de três partes: a primeira dedica-se a aspectos do planejamento e implementação da pesquisa; a segunda parte discute os resultados obtidos pelas entrevistas com os professores atendentes nas bibliotecas; e, por fim, considerações finais apontando resultados do processo.

A pesquisa

Esta pesquisa empírica privilegia a biblioteca escolar, no que tange à leitura, à literatura e à formação de leitores. Surgiu da convergência de temas abordados no âmbito das áreas de Educação, Letras e Biblioteconomia, contemplando, portanto, referencial teórico interdisciplinar. Já a metodologia aplicada foi de caráter qualitativo, predominando ações descritivas e analíticas.

Planejamento da pesquisa

Organizada de modo a reunir dados sobre diferentes contextos escolares, a pesquisa, primeiramente, levantou informações inerentes ao contexto geral das escolas, mediante aplicação de questionário para cada estabelecimento. A seguir, pretendeu-se identificar, a partir da formulação de um roteiro de entrevistas, ações desenvolvidas com o acervo PNBE nas bibliotecas escolares da rede pública municipal de ensino de Caxias do Sul, RS.

A Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, em 2015, era composta por 86 escolas de ensino fundamental e 41 escolas de educação

de 2016, na implementação da pesquisa e no tratamento dos dados.

¹Este estudo integrou-se ao projeto de pesquisa *Leitor do PNBE 2014: do papel à mediação*, realizado na Universidade de Caxias do Sul e financiado pelo CNPq, tendo observado critérios éticos da área da educação e indicações da Resolução 510, de 7 de abril

infantil conveniadas. Contava com mais de três mil professores que atendiam a, aproximadamente, 42 mil alunos, divididos entre educação infantil – creche (0 a 3 anos, em escolas conveniadas ao município) e pré-escola (4 e 5 anos, em estabelecimentos que ofertavam também ensino fundamental), ensino fundamental, educação especial e educação de jovens e adultos. Além de equipe diretiva, professores e funcionários, as escolas contavam com o apoio de coordenador pedagógico, responsável por oferecer suporte didático e técnico aos professores [SMED] (2015).

Criado há 125 anos, o município de Caxias do Sul tinha, em 2014, conforme dados do IBGE, 470.223 habitantes. A população, formada inicialmente por descendentes de imigrantes italianos que chegaram ao final do século XIX, é composta por grande diversidade devido ao número de migrantes e imigrantes que a cidade recebeu e continua recebendo. Em relação à economia, o município é o segundo polo metal mecânico no Brasil, mas apoia-se também na agricultura, principalmente, no ramo de hortifrutigranjeiros (Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2016).

Implementação do projeto de pesquisa²

O contato inicial com a Secretaria Municipal da Educação (SMED) ocorreu, presencialmente, por meio de encontro com o bibliotecário responsável pela rede de bibliotecas das escolas municipais, ocasião em que foram expostos os objetivos da pesquisa e os trâmites legais que asseguram a ética da investigação e o sigilo dos informantes, bem como a modalidade em que a mesma seria realizada. Por orientação do bibliotecário, foi protocolada, na Secretaria de Educação de Caxias do Sul, solicitação documentada de permissão para efetivar a pesquisa e, uma vez autorizada, a implementação iniciou com os contatos entre o bibliotecário e a direção das escolas.

A aplicação do questionário geral de pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2015. Para contemplar as 86 escolas, definiu-se que o questionário seria disponibilizado em meio digital, acessível em endereço virtual específico, encaminhado ao bibliotecário e este, por sua vez,

se encarregaria de direcioná-los aos endereços eletrônicos de cada escola, com as devidas recomendações. A decisão de responder ou não ao questionário ficaria exclusivamente ao encargo da direção de cada escola. Apesar dos esforços empreendidos pelos pesquisadores, das 86 escolas integrantes da Rede, apenas quatro responderam ao questionário. O baixo número de devoluções pode estar atrelado: (a) à falta de hábito dos gestores na utilização de meios eletrônicos ou (b) ao fato de as questões formuladas serem relativas a um acervo específico ou ainda (c) à sobrecarga de atividades a serem desempenhadas cotidianamente nos educandários.

O questionário geral pretendeu organizar informações de cada escola e foi estruturado em três eixos: (a) dados gerais da instituição, (b) dados a respeito da equipe que atua na biblioteca e, por fim, (c) questões atinentes ao acervo disponibilizado. Após essa etapa, a construção de dados sobre as ações desenvolvidas com o acervo PNBE pautou-se em entrevista semiestruturada com profissionais responsáveis pela biblioteca escolar, a partir de roteiro previamente organizado, abrangendo questões relativas ao acervo do PNBE. No entanto, no transcorrer dos encontros, outros aspectos subjacentes às funções da biblioteca escolar se fizeram presentes nas entrevistas.

Foram indicadas cinco escolas localizadas no perímetro urbano, em diferentes bairros da periferia da cidade para a construção dos dados dessa etapa. Os profissionais dos educandários foram previamente contatados pelo bibliotecário responsável pelas bibliotecas das escolas da Rede Municipal de Caxias do Sul e disponibilizaram-se a colaborar com a pesquisa. Após o recebimento da lista com o nome das escolas e do respectivo diretor(a), iniciaram-se os contatos para agendamento com o responsável pela biblioteca para efetivar as entrevistas.

A identificação das falas representativas de cada entrevistada vale-se de códigos alfanuméricos A1, B1, C1, D1 e E1, sendo A1 a primeira entrevistada e E1 a última. Para representação mais fiel às respostas das questões, serão mantidas as falas das entrevistadas, respeitando as expressões tal como postas pelas entrevistadas, transcritas com fonte em itálico.

As principais questões que nortearam as entrevistas foram: 1) dados do profissional atendente da biblioteca: identificação, tempo de atuação em/na biblioteca, formação; 2)

²A parte empírica da pesquisa foi desenvolvida por bolsista de iniciação científica, contemplada por Bolsa do Programa BICUCS.

frequência de público: frequentadores mais assíduos, abrangência de público, assiduidade; 3) sobre o acervo PNBE: ações desenvolvidas, quem promove a iniciativa, onde ocorrem as atividades, com que frequência, como ocorre o acesso ao acervo pelos alunos, quais títulos são os mais lembrados pelas atendentes, entre outras.

Revelações dos dados construídos

Constatamos, a partir das entrevistadas, que o critério adotado para seleção do professor que irá atuar na biblioteca é o tempo de permanência no magistério municipal: quanto maior o tempo em sala de aula, maior a probabilidade de atuar na biblioteca. Tal critério, estabelecido pela Secretaria Municipal de Educação, passou a vigorar a partir do ano de 2013. Em relação à formação desse profissional, não há diretriz a ser seguida. As professoras que atuam na biblioteca são oriundas de diferentes cursos superiores, conforme quadro 1:

Quadro 1 – Formação das entrevistadas

Entrevistada	Graduação	Pós Graduação
A1	Licenciatura Plena em Educação Física	Não informado
B1	Pedagogia	Ensino Religioso
C1	Ciências Exatas	Engenharia Ambiental
D1	Pedagogia	Educação Especial, (em andamento quando ocorreu a entrevista).
E1	Licenciatura Plena em Letras	Não informado

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Todas as entrevistadas são concursadas como professoras da Rede Pública Municipal de Educação e participaram de curso específico, com duração de 40 horas, promovido pela SMED, para atuar em biblioteca escolar. A média de tempo de atuação das entrevistadas no referido setor é de dois anos e seis meses. Nesse ponto, não há regulamentação quanto ao tempo de permanência no local, haja vista que, em todo final de ano, há nova distribuição de pessoas nos cargos disponíveis em cada um dos educandários do Município.

Ao questionar as entrevistadas sobre quais ações são desenvolvidas com o acervo PNBE, as respostas iniciais focaram o tratamento técnico dispensado aos títulos ao chegarem à biblioteca. As professoras descreveram etapas realizadas para o registro do material, tais como,

“carimbarcom o carimbo da escola e da biblioteca, anotar a data da chegada, a procedência, se foi adquirido ou doado ea quantidade – onúmero de exemplar específico de cada livro”. A voz das entrevistadas privilegia a dimensão técnica de uma unidade de informação, ou seja, o tratamento da obra para que seja disponibilizada ao usuário. Cabe, no entanto, apontar que as escolas visitadas não usam *software* específico para organizar o acervo.

O modo de acondicionar os exemplares respeita as indicações de cada escola. C1 relata que após o registro, os livros são encapados com plástico transparente, “para que se mantenham em melhor estado de conservação”. Lembrou, porém, que tal decisão contraria as instruções recebidas em curso de treinamento. B1relata que, após o registro, “[...] a gente revisa, esses são um tipo de literatura que é mais rápido para a gente ler, ver do que se trata [...] que tipo de literatura é, se acrescenta, se vai distrair, divertir, ensinar [...]”. As obras são classificadas a partir da sua materialidade e de paratextos veiculados em cada exemplar, sem, contudo, seguir princípios de indexação e de catalogação.

Finalizada a etapa de tratamento e de registro técnico, ocorre a distribuição, armazenamento e a divulgação dos títulos aos professores. Os relatos das entrevistadas, transcritos na sequência, demonstram que não há padrão de procedimentos seguidos. Todavia, prevalece o armazenamento ou a circulação das caixas dos acervos PNBE entre os professores e nas salas de aula.

A1 – [...] são colocados nas prateleiras para que eles [alunos] possam retirar e levar para casa também. Os livros que são separados para utilização dos professores ficam na biblioteca.

B1 – Todas as professoras, todas as turmas recebem estas caixas, então nós vamos trocando [...] passam por uma espécie de rodízio.

C1 – A profe leva os materiais para a sala de aula, faz rodízio, não só desses livros, elas levam todos os outros, ficam com eles lá um tempo para eles manusearem, para eles contarem histórias.

D1 – [...] a ‘gente’ comunica o professor e coloca aqui [na biblioteca] à disposição nas mesas, ele pode vir aqui manipular [...] se tiver espaço na sala de aula ele pode levar, senão pode deixar aqui.

E1 – [...] manda pra sala de aula o que é da sala de aula. No caso, como a gente tem só

duas turmas e vem uma caixa só, as professoras não se revezam.

A voz das professoras revela a falta de consenso quanto aos procedimentos com livros do Programa. Os títulos chegam às escolas agrupados por níveis de ensino, no entanto A1 aponta outra separação no acervo. Embora todas as obras sejam alocadas na biblioteca escolar, a professora explica que parte fica em prateleiras para manuseio dos estudantes tanto no espaço interno como para empréstimo e outra parte é reservada para uso dos docentes. Já D1 também sinaliza acolher o usuário na biblioteca, pois os livros ficam “à disposição nas mesas”. Contudo, acrescenta: “se tiver espaço na sala de aula, ele [professor] pode levar, senão pode deixar aqui”. A postura da entrevistada sugere que o manuseio dos exemplares na biblioteca ocorreria apenas se não houver espaço para o acervo estar na sala de aula.

A atitude mais comum é o livro ficar na sala de aula. B1, C1 e E1 indicam que os títulos ficam em caixas que circulam, pois são encaminhados para as salas de aula. Há, porém, diferenças entre as formas de encaminhamento. Nas escolas onde B1 e E1 atuam, o professor recebe as caixas na sala de aula e, no educandário onde C1 trabalha, os professores buscam, retiram, levam os livros. Cabe, portanto, ao professor da turma, neste último caso, a ação de ir até os títulos e levar para a turma. A ênfase, neste caso, é o deslocamento do acervo para a sala de aula e/ou a presença do estudante na biblioteca – espaço a ser usado pelos discentes. Este espaço parece assumir função de armazenar obras para que sejam levadas por um profissional para outros ambientes escolares. Carece, no universo observado, de ações que tragam o usuário à biblioteca escolar, visto que é um cenário a ser utilizado tanto pelo estudante como pelos profissionais da educação.

O conjunto de depoimentos indica que a biblioteca parece não ser lugar de leitura do livro literário. Entre os cinco sujeitos, apenas D1 indica que o usuário pode manipular os exemplares nesse ambiente. E esses textos são dispostos, como num banquete, sobre a mesa. Evidencia-se a incongruência com relação às indicações do PNBE – fomentar acervos em bibliotecas escolares – e, por extensão, entre ações de formação de leitores e o que efetivamente acontece no universo pesquisado, em 2015.

Às professoras, foi indagado se os acervos do PNBE têm sido postos à disposição das crianças e se têm sido procurados por elas. Conforme entrevistas e observação *in loco*, os títulos em questão são disponibilizados juntamente com as demais obras existentes na biblioteca. Não há distinção ou priorização de obras do Programa por parte dos gestores, dos professores ou mesmo dos estudantes, nas ações de promoção da leitura.

A1 – Os livros são disponibilizados nas mesinhas. Eu procuro colocar os livros da faixa etária deles, mas eles escolhem entre os que eu disponibilizo.

B1 – Sim, lá, por exemplo, tem um balaio cheio [...] que eu tiro, aí vem a Educação Infantil [...] aí eles sentam todos aqui e eu espalho os livros.

C1 – Tem duas caixas lá que a gente empresta, fora os outros livros. Às vezes eu misturo, porque eles gostam desses aqui, de carros, de princesas, essas coisas.

D1 – Todos! Todos! Sim, tem vários, vários (a gente também compra muitos livros).

E1 – Não notei distinção pelo acervo do PNBE. Na verdade, eles buscam pelos títulos que eles conhecem. [...] os maiores gostam de coisas mais atuais [...] e não vêm do PNBE muitos desses livros, vêm coisas mais clássicas. [...] estão ali, eles pegam, sem olhar se é do PNBE ou comprado, se o título interessar eles pegam.

O acesso às obras, em geral, ocorre por duas possibilidades. Na primeira, os estudantes escolhem o exemplar entre os títulos definidos anteriormente pelos professores e disponibilizados sobre as mesas, por critérios estabelecidos previamente pelo responsável pela biblioteca ou de modo aleatório. O espaço de busca restringe-se à mesa, já que os usuários não têm autonomia para acessar livros em estantes ou em outros espaços onde estariam alocados. Na segunda possibilidade, os livros saem da biblioteca e vão aos lugares onde estariam os potenciais usuários – sala de aula, no caso do aluno, ou sala dos professores, no caso dos docentes. A preferência dos usuários é pelo já conhecido – carros, princesas – indicando a necessidade de implementar estratégias de mediação que promovam o acesso a obras literárias com adensamento da linguagem simbólica. Ou seja, outros títulos deveriam integrar o cardápio do estudantes.

As entrevistadas também foram questionadas se se lembravam de títulos selecionados pelo PNBE mais retirados ou manuseados pelos alunos. As respostas foram vagas: A1 e C1 não responderam; E1 diz não se lembrar; D1 também não indica pontualmente, mas afirma: “Menino do pijama listrado (!)... Não lembro... são muitos títulos... é muita, muita circulação... Não tem um livro específico”(D1). Sobre a mesma questão, B1 aponta: “Um que eles olham bastante é aquele do ponto de interrogação, mas não me recordo o nome. Outro tipo, o “Meu travesseirinho”, “Cadê meu travesseiro” a gente usou muito para trabalhar o dia e a noite”(B1). Os dados, no âmbito dessa investigação, revelam que as obras do Programa, ao chegarem às escolas, misturam-se à coleção já existente e a aparente identidade tende a desaparecer. Não há investimento na promoção de tais títulos e a busca de determinada obra pelos docentes ocorre em virtude de possibilidades de ser associada a outra demanda escolar, em geral, certo conteúdo como, por exemplo, o livro que auxiliaria a discussão sobre os conceitos de dia e noite ou sobre cuidados com o meio ambiente, ignorando, assim, o caráter simbólico da linguagem formadora da literatura.

As obras selecionadas pelo PNBE de 2014 (Brasil, 2014) chegaram às escolas acompanhadas de um guia para cada nível de ensino – educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. O guia tem a função de auxiliar o professor em sala de aula ou na biblioteca no conhecimento das potencialidades dos acervos recebidos. Sobre o uso desse material pelos profissionais, a pesquisa constatou que eles quase desconheciam os guias. A respeito da utilização desse material de apoio, as professoras responderam:

A1 – Não, em geral não, mais por falta de tempo. As professoras seguem outros roteiros, mas normalmente não seguem as sugestões que vêm com as caixas.

B1 – Sim. É como um livro didático, quando ele vem, ou nas primeiras páginas ou nas últimas, tem sugestões de como tu trabalhar todo o livro, vem nos ensinando isso. E a gente também mostrou para algumas professoras que vêm pegar.

D1 – Sim. Eles olham bastante, eles chegam a olhar, mas a gente não... eles não são usado muito, mas eles todos são

verificados e o professor prefere ter o livro em mãos...é bem melhor...

E1 – Quando eu recebo os livros, eu divulgo para os professores. Essas orientações são divulgadas e entregues junto com os livros. Mas se elas são utilizadas, aí é com os professores.

Mesmo o profissional que atua na biblioteca parece desconhecer o conteúdo dos guias. Quando A1 afirma que “as professoras não seguem as sugestões que vêm com a caixa” e B1 diz que “os guias são como um livro didático”, revelam desconhecimento tanto do material como de seu propósito. Os guias são constituídos por capítulos que discorrem acerca de peculiaridades dos gêneros selecionados pelo Edital e de potencialidades de abordagem de obras presentes nos acervos. Prevalece, nos documentos, o teor reflexivo e não didático.

Sobre o planejamento das atividades executadas pela biblioteca, procurou-se saber como e por quem são definidas. Na grande maioria, são planejadas no início do ano letivo, de modo colaborativo entre a equipe da biblioteca, professores e gestores. B1, C1, D1 e E1 citam a participação em reuniões com professores, coordenação pedagógica e direção para fazer os planos. E1 confirma que, no início do ano, é feito todo o planejamento: “a gente determina isso...se vai ter isso, hora da leitura, hora cívica, se vai ter o escritor na escola, o planejamento é feito para o ano” (E1). O macroplanejamento é esboçado pelo educandário, e a biblioteca surge como um setor de apoio às ações delineadas.

Mesmo a biblioteca escolar que pertence a certa mantenedora, no caso, a Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, teria política de atualização de acervo ou de formação de coleções. As bibliotecas escolares da rede pública de educação de Caxias do Sul atendem, prioritariamente, às demandas informacionais advindas do ambiente escolar. Um dos serviços que se destaca é, pois, a oferta de obras literárias para o corpo discente. Conforme as entrevistadas, os modos de aquisição e de seleção de títulos passam pela atuação de instâncias governamentais até a aquisição pela própria escola:

A1 – A grande maioria do acervo da biblioteca é proveniente do PNBE e de doações recebidas de empresas (aponta para uma estante onde estão expostos

exemplares recentemente doados pela empresa Marcopolo).

B1 – São escolhidos em conjunto entre os professores quando estão definindo o calendário das atividades de acordo com as necessidades dos alunos.

D1 – A gente escolhe no início do ano com a coordenação pedagógica e este será o livro que todo ‘mundo lê’, todos os alunos leem, é feito trabalho, fazem álbum e depois feito apresentação.

E1 – Eu vou pelos alunos. Consulto o usuário. As professoras fazem listas do que os alunos pedem, e perto da feira do livro eu boto um cartaz, antes de comprar, pedindo sugestões de livros que eles gostariam de ler.

A composição do acervo das bibliotecas em questão ocorre, predominantemente, por dois caminhos – doação e compra. As obras provenientes de doações são aquelas encaminhadas pelo MEC, por meio do FNDE, e ainda oriundas de empresas da região. Essa modalidade é responsável pela maioria dos títulos que chegam à biblioteca. Já a compra implica indicação de títulos pelo conjunto da comunidade escolar. No entanto, apenas E1 assume postura mais participativa e lista estratégias para acolher demandas dos estudantes. Entendemos que é importante escutar o usuário mas a biblioteca tem o papel de ampliar o repertório do seu público. Enfim, se o espaço é uma instância democrática que promove o letramento da comunidade escolar, poderia criar estratégias para ampliar o repertório dos usuários e trazer obras literárias mais densas, lidas com o apoio de mediador qualificado.

Considerações finais

A meta dessa pesquisa era conhecer ações ligadas a narrativas visuais selecionadas pelo PNBE. No entanto, os dados construídos foram deslocando o olhar e foi observado o contexto da biblioteca escolar e, nela, o Programa. A escassez de dados não possibilitou chegar até as narrativas visuais. Foi constatado que, independentemente do modo como ocorrem as ações de promoção da leitura, não há distinção entre as obras do Programa e os demais títulos que formam a coleção da biblioteca escolar, não sendo, portanto, indicados títulos de narrativa visual pelo docente, nem mesmo ações pontuais realizadas com obras do PNBE.

A descrição analítica das entrevistas gravadas e transcritas sinaliza que, além de atividades burocráticas, as professoras realizam número reduzido de atividades relacionadas ao estímulo à leitura, limitando-se, na maioria dos casos, ao serviço de empréstimo de livros a alunos. Os professores das turmas são quase ausentes nesse espaço. As ações na biblioteca escolar situam-se mais no âmbito passivo, haja vista que, por exemplo, até a indicação de temas de obras parte de demandas do professor titular da classe. A biblioteca aparece, assim, como setor de apoio e não como promotora de ações.

As limitações quanto ao uso do espaço da biblioteca são atribuídas, na maioria das vezes, à falta de espaço físico adequado às atividades e ao tempo restrito para atividades de leitura e outras práticas. Alerta-se ainda para o desconhecimento do profissional da biblioteca sobre a utilização do acervo e de guias do PNBE, o que demonstra a ausência de ações orquestradas entre biblioteca, professor, acervo e alunos. São necessárias ações efetivas no âmbito da biblioteca e do corpo pedagógico da escola para que os objetivos propostos pelo Programa alcancem sua efetiva missão de propiciar, de modo mais pontual, melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada.

No âmbito dos dados construídos, a biblioteca escolar é percebida como um espaço físico para a guarda, organização, distribuição e administração do acervo. Para essas e outras atividades, como assumir uma classe quando há falta demasiada de professores, o professor que atua na biblioteca escolar também é demandado. Enfim, são muitas as atribuições assumidas por esse profissional, cuja formação inicial é ser professor.

As conclusões dessa pesquisa remetem para as diversas tarefas com as quais os profissionais que atuam em bibliotecas escolares são confrontados. Todavia, presente-se, nestes dados, o problema da não formação do professor como bibliotecário escolar. A biblioteca escolar, além do conhecimento pedagógico, tem demandas técnicas e administrativas no âmbito da gestão que precisam ser contempladas.

Fechando o diálogo teórico com as bibliotecas escolares portuguesas, também para o bibliotecário escolar, em Portugal, apresentam-se múltiplas tarefas a serem desenvolvidas nesse ambiente, quer aquelas do foro técnico e

administrativo, quer do âmbito da ação pedagógica. Em Portugal, muito embora a figura do professor-bibliotecário tenha sido objeto de regulamentação pela Portaria n.º 756 (2009), legislação posterior introduz limitações às funções deste profissional, nomeadamente pelo fato de ele ter responsabilidades letivas em simultâneo. Os espaços físicos da biblioteca escolar são, em Portugal, um problema resolvido, dado que 100% das escolas possuem uma biblioteca escolar de acordo com as normas exigidas pela RBE. No Brasil, ainda são necessários investimentos para que a presença física da biblioteca escolar seja realidade em todos os educandários.

Tanto no Brasil como em Portugal, impõe-se o problema da formação do profissional que atua na biblioteca escolar e das suas equipes, no que tange à promoção da leitura e à utilização adequada dos acervos, sejam eles enviados às escolas pelo PNBE ou pelo PNL, sejam recebidos por outras doações ou mesmo os adquiridos. Esta formação constitui-se como questão política, pois além de dotar as escolas de fundo documental, é necessário habilitar profissionais para a utilização e promoção do acervo. É, pois, urgente que o poder público e a comunidade educativa compreendam que a biblioteca escolar é o centro nevrálgico da escola, a fim de investir com seriedade na formação dos bibliotecários escolares. Esse ambiente, conforme posto na epígrafe do artigo, seria concebido como laboratório de aprendizagem, local onde a educação acontece e, para tanto, estudantes e professores são usuários do acervo ali guardado, acervo formado por títulos que clamam por leitores.

Referências

- Brasil. (2014). *PNBE na escola: Literatura fora da caixa - Guias 1, 2 e 3*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Recuperado em 23 abril, 2017, de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20407&Itemid=1134
- Lei n. 12.244, de 24 de maio de 2010 (2010). Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF. Recuperado em 23 abril, 2017, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm
- Campello, B. S. (2003). A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, MG, Brasil, 5.
- Campello, B. S., Abreu, V. L. F. G., Caldeira, P. T., Barbosa, R. R., Carvalho, M. C., Duarte, A. B. S., Araújo, C. A. A., Viana, M. M., Fialho, J. F., & Alvarenga, M. (2011). Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. *Informação & Sociedade*, 21(2), 105-120. Recuperado em 25 abril, 2017, de <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10451/5965>
- Kuhlthau, C. (2006). *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Prefeitura Municipal de Caxias do Sul - PMCS. (2014). *Perfil socioeconômico*. Caxias do Sul, RS: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Recuperado em 25 abril, 2017, de https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/desenv_economico/perfil_caxias.pdf
- Prefeitura Municipal de Caxias do Sul - PMCS. (2016). *Conheça a SMED*. Caxias do Sul, RS: Secretaria Municipal da Educação de Caxias do Sul (2016). Recuperado em 25 abril, 2017, de <http://educacao.caxias.rs.gov.br/course/view.php?id=43>
- International Federation of Library Associations and Institutions. (2003). *Manifesto da biblioteca escolar*. (2003). Recuperado em 25 abril, 2017, de <http://www.rbal.com.pt/Documentos%20RBAL%20pdf/Manifesto%20Unesco%20para%20Bibliotecas%20Escolares.pdf>
- Lisboa, J. L. (2007). A leitura: algumas questões sobre memória e exclusão. *Actas da Conferência Internacional sobre o ensino do Português*, Lisboa, 1.
- Paiva, A. (2009). A trama do acervo: a literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Biblioteca da Escola. In R. J. Souza (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação* (pp. 137-155). Campinas: Mercado das Letras.

Portaria n.º 756, de 14 de julho de 2009. (2009).

Recuperado em 25 abril, 2017, de

<http://www.rbe.mec.pt/np4/file/33/portaria756.pdf>

Ramos, F. B. (2013). *Literatura na escola: da concepção à mediação do PNBE*. Caxias do Sul:

Educs. Recuperado em 25 abril, 2017, de

https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/literatura_escola_ebook_2.pdf

Ramos, F. B., & Balça, A. (2013). Bibliotecas escolares: conversas entre Brasil e Portugal. *Acta Scientiarum: Education*, 35(2), 157-168.

Recuperado em 23 abril, 2017, de

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/20640/11786>

Rede de Bibliotecas Escolares Portuguesas.

(2016). *REDE de bibliotecas escolares*. Recuperado

em 25 abril, 2017, de <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/929.html>

Silva, R. J. S., & Bortolin, S. Apresentação. In R.

J. S., & S. Bortolin (Orgs.). (2006). *Fazeres*

cotidianos na biblioteca escolar. São Paulo: Polis.

Recebido em: 25/02/2017

Aceito em: 03/04/2017